

Potencialidades de uma aula dialógica

Iara Maria Mora Longhini

Profa. Dra. Universidade Federal de Uberlândia (UFU) – Minas Gerais

Jaime Pacheco da Silva Filho

Graduando Lic. Ciências Biológicas Universidade Federal de Uberlândia (UFU) –
Minas Gerais

RESUMO

A Resolução do Conselho Universitário (CONSUN) nº 32/2017 traz no seu bojo a previsão dos Projetos Interdisciplinares (PROINTER), que visam permitir a ocorrência da troca de experiências e reflexão sobre as peculiaridades do fazer docente (UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA, 2017). Aludidos projetos objetivam a reflexão sobre o fazer docente, permeados pela experiência prática trazida pelos estudantes das licenciaturas, professores universitários e professores da educação básica. O exercício da prática educativa não se constitui em uma tarefa simples, pois não é possível antever todas as ocorrências possíveis nesse ambiente. Portanto, com vistas a dotar o docente de experiências em que possa se ancorar, busca-se através da problematização de situações típicas deste ambiente dotar o professor de um arcabouço teórico-prático capaz de orientar as suas ações futuras. Assim, se estabelece um compromisso com o processo formativo que, acaso não ocorresse, ficaria comprometido pela incompletude de não conseguir aliar a teoria à prática.

Palavras-chave: Formação docente, Reflexão educacional, Projetos interdisciplinares.

1 INTRODUÇÃO

A Resolução do Conselho Universitário (CONSUN) nº 32/2017 traz no seu bojo a previsão dos Projetos Interdisciplinares (PROINTER), que visam permitir a ocorrência da troca de experiências e reflexão sobre as peculiaridades do fazer docente (UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA, 2017). Aludidos projetos objetivam a reflexão sobre o fazer docente, permeados pela experiência prática trazida pelos estudantes das licenciaturas, professores universitários e professores da educação básica. O exercício da prática educativa não se constitui em uma tarefa simples, pois não é possível antever todas as ocorrências possíveis nesse ambiente. Portanto, com vistas a dotar o docente de experiências em que possa se ancorar, busca-se através da problematização de situações típicas deste ambiente dotar o professor de um arcabouço teórico-prático capaz de orientar as suas ações futuras. Assim, se estabelece um compromisso com o processo formativo que, acaso não ocorresse, ficaria comprometido pela incompletude de não conseguir aliar a teoria à prática.

Com o propósito de cumprir as premissas anteriores, no Curso de Licenciatura em Ciências Biológicas da Universidade Federal de Uberlândia (UFU), figuram como obrigatórios os seguintes componentes curriculares: PROINTER I – Introdução ao Curso de Ciências Biológicas, PROINTER II –



Ciências e Mídias, PROINTER III – Biologia e Cultura e PROINTER IV – Educação e Sociedade. A proposta do componente curricular Seminário Institucional da Licenciatura (SEILIC) é refletir sobre alguma experiência vivenciada em um componente curricular que integra os PROINTER. Assim, selecionei uma experiência vivenciada no PROINTER II - Ciências e Mídias, que consistiu em uma aula sobre a utilização dos estereótipos no contexto social.

Essa atividade em particular marcou a minha trajetória como discente e futuro professor, em razão de ter propiciado o ambiente de conflito e confronto de ideias. O tema estereótipos foi abordado sob o enfoque social do fomento ao preconceito, tendo como base o conceito encontrado em dicionários de língua portuguesa.

Padrão estabelecido pelo senso comum e baseado na ausência de conhecimento sobre o assunto em questão. Concepção baseada em ideias preconcebidas sobre algo ou alguém, sem o seu conhecimento real, geralmente de cunho preconceituoso ou repleta de afirmações gerais e inverdades. Algo desprovido de originalidade e repleto de clichês. Comportamento desprovido de originalidade e de adequação à situação presente, e caracterizado pela repetição automática de um modelo anterior, anônimo ou impessoal (ESTEREÓTIPO, 2023).

Nessa atividade, a professora introduziu a temática através de um artigo científico. Lido o artigo e realizada uma breve explanação, passou-se para a fase de debate. Nesse momento, a docente defendeu a ideia que o uso dos estereótipos deveria ser banido do contexto social, em virtude de conduzir a uma série de preconceitos estruturais. A docente deixou evidente o seu posicionamento particular, aspecto que denota a sua liberdade de expressão e política, que alcança todos, indistintamente. Conforme Melo (2010), Max Weber defendeu que deveria haver a neutralidade da cátedra na educação. É importante destacar que não há neutralidade na educação em virtude da indissociabilidade dos sujeitos, cidadão e professor, envolvidos no processo educativo e seres políticos que são. No entanto, ante a impossibilidade da neutralidade, há que se perseguir a imparcialidade, promovendo a autonomia discente.

De fato, já foi afirmado em momento anterior que um dos saberes necessários ao professor universitário é que ele saiba promover situações em que os acadêmicos possam desenvolver a autonomia intelectual, e, portanto, não seja autoritário por meio da imposição de suas próprias opiniões. Ao expor os problemas científicos, os acadêmicos devem apropriar-se destes à sua maneira, o que deriva também da atuação do professor nesse sentido. (MELO, 2010, p. 26)

Durante o debate, apresentei a minha discordância em relação à posição defendida pela docente, aspecto que despertou em mim a possibilidade do pensar autônomo e desenvolvimento do senso crítico. Há um processo de troca de experiências entre professor e estudante, pois o conhecimento não flui de forma unidirecional. Para além disso, esse dinamismo deve ocorrer permeado pelo livre pensar, articulação entre teoria e prática e leitura crítica da realidade, aspectos imprescindíveis para oportunizar autonomia ao estudante (BRAHIM, 2007). A discordância instigou-me na busca por ampliar o universo de entendimento



sobre o assunto. Assim, objetivando melhor compreensão, fiz a leitura de alguns artigos relacionados ao tema e escrevi um texto que compartilhei com a docente. Esse texto, tornou-se a temática do próximo encontro. Nas sessões a seguir deixarei mais claro os argumentos que permearam a referida discussão.

2 OBJETIVO

As universidades federais constituem-se, dentre outros existentes, em importantes polos de formação profissional e de preparação para o exercício da cidadania plena. No exercício profissional e posicionamento enquanto cidadão cômico de seus direitos e deveres, torna-se necessário o amparo da autonomia e do pensamento livre, com certo grau de criticidade. Assim, as Instituições de ensino como locais de instrumentalização de competências, habilidades e saberes diversos, possuem o objetivo de dotar o estudante dessas ferramentas para que utilize ante o surgimento de necessidades.

Portanto, o objetivo é investigar a utilização aula dialógica como ferramenta para o desenvolvimento do senso crítico, do pensar autônomo, avaliando suas potencialidades no fazer docente. Para além disso, destacar a utilização desse recurso didático-pedagógico no fazer docente.

3 METODOLOGIA

O conceito de estereótipo, por si só, traz explícita a denotação de algo prejudicial e ruim para a vida em sociedade. O conceito de estereótipo encontrado em dicionários e difundido popularmente, além de reducionista é pejorativo e indutivo de que ele se constitui em algo pernicioso e ruim para as pessoas. Contudo, em sentido contrário à definição dos dicionários, é importante destacar o conceito cunhado por Pereira e colaboradores, que conforme os próprios pesquisadores, é provisório e incompleto.

[...] sistemas de crenças socialmente compartilhados que se referem a padrões comuns de conduta ou a homogeneidade entre membros de um ente social e que são elaborados com base em teorias que se sustentam em arrazoados de natureza intencional ou em teorias explicativas causais. (PEREIRA *et al.*, 2012, p. 218)

De acordo com essa colocação, a imagem estereotipada atende às necessidades de determinado público, pois faz parte de uma cultura, fica gravada no inconsciente coletivo (PEREIRA *et al.*, 2012). Dessa forma, tentar romper com a formação dos estereótipos, ao ponto de aboli-los do contexto social, tornaria a civilização como conhecemos caótica, as pessoas não se entenderiam, a comunicação seria prejudicada e os grupos sociais se esfacelariam, uma vez que os referenciais que sustentam e orientam a relação entre as pessoas desapareceriam (CARDOZO, 2004). Os referenciais nos servem de sustentáculos e pontos de partida para formação da consciência coletiva.

Os estereótipos ainda seriam formas de exteriorização dos arquétipos investigados por Jung (MARK; PEARSON, 2011). Os arquétipos são entendidos como “conteúdos do inconsciente coletivo que nunca



estiveram na consciência e, portanto, não foram adquiridos individualmente, que devem a sua existência apenas a hereditariedade.” (JUNG, 1976) Eles se apresentam como forças ignoradas que influenciam na nossa “formação”. Os arquétipos, que fazem parte do inconsciente coletivo, com seus valores e significados universais, variam apenas na forma como são expressos em função da cultura de cada povo, uma vez que dela derivam (ANAZ, 2020). Arquétipos são “formas ou moldes”; como formas de bolo, moldes primordiais que são os instrumentos da criação de tudo o que existe no plano material.

Estereótipos e arquétipos, por sua vez, podem ser vistos como intimamente relacionados à teoria das representações sociais, pois “Tal qual a representação social, o estereótipo permite a compreensão, manipulação e interiorização, unindo-o a valores, ideias e teorias já assimiladas, preexistentes e aceitas pela sociedade.” (PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO DE JANEIRO, 2023). Essa busca constitui-se em importante processo de objetivação da realidade que nos permeia e, com isso, extinguir a dualidade que separa o concreto do abstrato. As representações sociais se definem por um:

[...] conjunto de conceitos articulados que tem origem nas práticas sociais e diversidades grupais cuja função é dar sentido à realidade social, produzir identidades, organizar as comunicações e orientar condutas. [...] quatro funções destacam: Função de saber: as representações sociais servem para que possamos explicar, compreender e dar sentido à realidade social. [...] Função de orientação: as representações sociais são guias de conduta. Elas orientam as práticas sociais (na medida que precedem o desenvolvimento da ação). [...] Função identitária: ao compartilhar uma representação social um grupo pode ser definido e diferenciado de outro grupo. Assim, a representação social, possibilita uma identidade grupal e, por consequência, permite a diferenciação grupal. [...] Função orientadora: as representações sociais servem como referências justificadoras do comportamento. Uma vez que as representações sociais são guias de conduta compartilhados socialmente, [...] (SANTOS; ALMEIDA, 2005, p. 34).

Hannah Arendt, refugiada judia nos Estados Unidos durante a segunda guerra, discorreu sobre as particularidades do pensamento e suas implicações. Na abordagem dessa temática, fica latente que, “a opinião e o pensamento não são estáticos, mas compõem um processo interminável de reflexão que culmina na elaboração de uma afirmação que será enunciada e em outro momento reavaliada e reelaborada” (CUSTÓDIO, 2015).

O pensamento do sujeito pensante é marcado pela ambiguidade e pela cisão dele em *dois-em-um*. Segundo a autora, o pensamento não é aquilo que unifica o ser pensante, mas aquilo que o constitui, nesse aspecto dual ocorre e decorre o livre pensar. Objetivando conferir sentido ao pensamento, Hannah Arendt (2004) faz a afirmação que convém citar: “Se discordo de outras pessoas, posso me afastar; mas não posso me afastar de mim mesmo, portanto, é melhor que eu primeiro tente estar de acordo comigo mesmo antes de levar todos os outros em consideração”. Nesse sentido, toma Sócrates como arquétipo do modelo pensante, ou seja, ele é o modelo que expressa a atividade do pensamento, ao estabelecer um diálogo interno consigo mesmo, que se cinde em dois, examina uma questão até esclarecê-la (CUSTÓDIO, 2015).



Assim, trataremos a educação como um processo de iniciação de certos saberes e transmissão de um cabedal histórico e cultural acumulado com a finalidade de oferecer diferentes perspectivas de mundo. Já o pensar, somente é possível através do diálogo, palavra, opinião ou concepção individual interna consigo mesmo.

É importante destacar que a bagagem de conhecimento que o outro traz consigo jamais deve ser desprezada, e sim, considerada. Essa é a dinâmica da produção do conhecimento, da evolução do pensamento e do saber. É nesse ambiente de confronto de ideias, debate, estudo e pesquisa que o conhecimento é construído.

[...] Durante um certo tempo, o conhecimento popular foi silenciado na escola. Ora, toda sociedade, segundo Moscovici está permeada por esse conhecimento que ele denominou de representação social. Será que a escola é um espaço de puro de saber científico? Estamos certos que não. O professor, o aluno como atores de uma sociedade em movimento, carregam consigo um saber que se constrói no dia a dia, tanto social, familiar, quanto profissional. E este conhecimento eles trazem para a escola. Identificar elementos desse conhecimento e estabelecer relações com o conhecimento científico, objeto específico de “transmissão” escolar, nos parece ser um importante passo para a compreensão de entraves e desvios que observamos no dia a dia escolar (MAIA, 2001, p. 85 *apud* CRUSOÉ, 2004, p. 9).

Mas, além da bagagem que já trazemos, produto do meio, quando somos expostos a meios diferentes, os nossos moldes tendem a sofrer alterações. A nossa “formação” ocorre e decorre daquilo que o meio nos oferece e é aderido por nós. Tudo isso que está disponível ao nosso redor, ao nosso alcance, vai formando nossos conceitos e pré-conceitos, concepções, crenças, ou seja, vai lapidando a nossa conduta, vai incutindo “valores” e visão de mundo.

As relações do homem com o meio são de transformações mútuas e as circunstâncias sociais de sua existência influenciam fortemente a evolução humana. O meio é compreendido como o complemento indispensável do ser humano. Para este autor, as interações são fundamentais tanto para a construção do sujeito como do conhecimento, e ocorrem ao longo do desenvolvimento de acordo com as condições orgânicas, motoras, afetivas, intelectuais e socioculturais (WALLON, 1968, p. 36 *apud* BASTOS, 2010, p. 3).

4 DESENVOLVIMENTO

Conforme exposto, da discordância nasceram as possibilidades de construção do conhecer e do pensar, objetos distintos. É importante fomentar o pensar, através da aula discursiva, exposição, trabalho em grupo, com o intuito de contribuir com a fase formativa, desenvolvimento da visão crítica e autonomia dos estudantes da licenciatura, docentes no futuro próximo. A presente proposta buscou suscitar uma reflexão para orientar a prática docente, no sentido de promover o pensamento crítico e a autonomia reflexiva do estudante.

Tendo como base a atividade realizada em Ciências e Mídias, elaborou-se a presente proposta com o objetivo de, através da dialogicidade, promover o desenvolvimento do senso crítico e do pensar autônomo

dos estudantes universitários, figurando como tema a formação de estereótipos. A proposta de intervenção em sala de aula objetiva, mais especificamente, deixar que os estudantes reflitam sobre os diferentes conceitos de estereótipos, debatam e possam estruturar uma opinião a este respeito, a partir da mediação dialógica. A intervenção docente prevista foi proposta para ser desenvolvida em momentos intercomunicantes e distintos entre si, conforme registrado a seguir.

A atividade prática foi aplicada para uma turma de estudantes da Psicologia da Universidade de Uberaba (UNIUBE), localizada na Avenida Afonso Pena, nº 1177, Centro – Uberlândia MG. A turma da Psicologia composta por vinte e sete estudantes, sendo dezenove mulheres e oito homens, com idade média de 25 anos.

No primeiro momento, realizamos a apresentação de quatro conjuntos de imagens (Figura 1), projetados via Datashow, e concitamos os estudantes a escolher uma que mais agrada. A atividade possui o objetivo de aferir o julgamento particular de cada participante sobre as imagens projetadas e inferir sobre o julgamento realizado.

Figura 1 - Imagens diversas



Fonte: O próprio Autor, adaptado do Google

As escolhas livres foram anotadas no quadro, considerando a manifestação de cada integrante da sala que levantou a mão no momento da pergunta. A tabulação das escolhas livres visou avaliar as representações sociais que os alunos fazem das imagens apresentadas. Conforme os resultados apresentados, ficou constatado as representações que nos aproximam e aquelas que nos afastam; criando assim, uma identidade de grupo. Os dados coletados apontam a tendência de identificação com os povos originários da América do Sul, que nos constituíram (indígenas), e com as pessoas fruto do processo de miscigenação que se operou no continente. Observa-se que nenhuma adesão foi proposta para o conjunto de figuras do grupo 3, apesar desse grupo também ser composto de povos originários (aborígenes), porém nativos da Oceania (Austrália).

RESULTADOS OBTIDOS			
Conjunto 1	Conjunto 2	Conjunto 3	Conjunto 4
07	01	00	18

Fonte: O próprio Autor.



No fechamento desse primeiro quadro foi lançada uma pergunta que permaneceria sem resposta definitiva até o quarto momento. Os estereótipos são bons ou ruins para a nossa vida em sociedade? A resposta para o questionamento seria construída de forma íntima por cada um dos estudantes ao final do debate, sem a necessidade de externalização.

No segundo momento, apresentamos a definição de estereótipo em consonância com o dicionário. O conceito foi apresentado em slide e houve a distribuição concomitante do conceito impresso constando as seguintes perguntas sequenciais: O conceito se refere a algo ruim para o indivíduo e a sociedade? Se considerados ruins, os estereótipos devem ser abolidos da vida em sociedade? O segundo questionamento foi trabalhado novamente ao final da aula. Os resultados através das respostas apontam que o conceito dicionarresco traz consigo uma denotação pejorativa para a conceituação de estereótipos. Assim, torna-se indutivo para uma tomada de decisão, mesmo que provisória.

RESULTADOS OBTIDOS	
Pergunta 01 – O conceito se refere a algo ruim para o indivíduo e para a sociedade?	
Sim	Não
20	07

Fonte: O próprio Autor.

A professora da turma de psicologia esclareceu, no início da aula, que havia terminado de trabalhar o tema estereótipos com aquela turma. Portanto, era de se esperar, conforme demonstrado, que o resultado da coleta de dados referente ao segundo questionamento fosse influenciado pelo nível de conhecimento que os estudantes detinham a respeito da temática abordada.

RESULTADOS OBTIDOS	
Pergunta 02 – Se considerados ruins, os estereótipos devem ser abolidos da vida em sociedade?	
Sim	Não
10	17

Fonte: O próprio Autor.

No terceiro momento, através de aula expositiva, seguimos com a apresentação de definições mais amplas de estereótipos, as quais se contrapõem à definição trazida nos dicionários. Ênfase especial foi conferida para a exploração das aplicações, possibilidades e potencialidades para a nossa vida em sociedade.

No quarto momento, foi promovido um debate visando permitir que os estudantes expusessem seus pontos de vista sobre o tema apresentado. Nesse momento, foi lançado novamente o questionamento: Estereótipos devem ser abolidos da vida em sociedade? Este momento visa gerar uma reflexão sobre o tema após a apresentação das diferentes visões sobre um conteúdo polêmico e que possui definições contraditórias. Para o lançamento desse questionamento foi utilizado o questionário impresso, com o objetivo de aferir se ocorreram mudanças no posicionamento inicial dos estudantes. Os resultados obtidos

apontam que maciçamente os estudantes aderiram a um posicionamento contrário ao pensamento de abolição. Os resultados demonstram que ocorreram nove (09) mudanças de opinião no universo de dez (10) estudantes que, inicialmente, se posicionaram a favor da abolição dos estereótipos.

RESULTADOS OBTIDOS	
Pergunta 03 – Os estereótipos devem ser abolidos da vida em sociedade?	
Sim	Não
01	26

Fonte: O próprio Autor.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente artigo buscou suscitar aspectos que envolvem as potencialidades de uma aula dialógica para o desenvolvimento do senso crítico e a construção do pensar autônomo, inspirado na divergência de posicionamento em relação a abolir os estereótipos do convívio social, posição defendida por uma professora em aula que ocorreu na UFU.

Os embates de opiniões gerados em sala de aula, apenas podem ser equacionados através da abordagem ampla e irrestrita do tema, para não prejudicar a possibilidade de síntese. A síntese é particular de cada estudante, não cabe ao professor induzir o estudante a tirar conclusões, pois estas podem ser precipitadas.

A missão do professor reside na árdua tarefa de possibilitar que o estudante enfoque o tema sob diferentes aspectos e encontre as contradições, se estas estiverem presentes. Restou comprovado através dos resultados obtidos, via questionário aplicado para os estudantes da psicologia, que a exposição ampliada do tema e o conseqüente debate apresentam-se como importantes ferramentas pedagógicas de difusão do conhecimento.

Inobstante os estudantes da Psicologia deterem conhecimento sobre o tema abordado, foi notável a mudança ocorrida na forma de pensar e se posicionar criticamente. Daqueles que, inicialmente, defendiam que os estereótipos deveriam ser abolidos 90% mudaram de posicionamento após a abordagem ampla, exposição da contradição conceitual e o debate sobre o tema, pois encontraram a aplicação prática dos estereótipos para a vida em sociedade.

Assim sendo, a escolha das estratégias, seleção de métodos e abordagem ampliada dos conteúdos conduzem à eficácia do momento em que se pretende operar a intervenção que possibilite a construção da autonomia e pensamento crítico dos discentes. Conclui-se que a intervenção através de aula dialógica se apresenta como ferramenta eficiente e eficaz para atingir os objetivos propostos de construção da autonomia e a criticidade de pensamento. Desta forma, apresenta-se como um eficiente recurso didático-pedagógico à disposição do docente em formação.



REFERÊNCIAS

- ANAZ, Sílvio Antônio Luiz. Teoria dos arquétipos e construção de personagens em filmes e séries. *Revista Significação*, São Paulo, v. 47, n. 54, p. 251-270, 2020.
- ARENDT, Hannah. *A dignidade da política: ensaios e conferências*. Rio de Janeiro: Editora Relume Dumará, v.4, p. 23-52, 2004.
- BASTOS, Alice Beatriz B. Izique. A técnica de grupos operativos `a luz de Pichon-Rivière e Henri Wallon. *Psicologia infantil*. São Paulo, v.14, n.14, 2010.
- BRAHIM, Adriana Cristina S. de Mattos. *Pedagogia crítica, letramento crítico e leitura crítica*. *Revista X*, [s.l.], v. 1, p. 11-31, 2007.
- CARDOZO, Missila Loures. *A construção emocional das marcas: o uso de arquétipos e estereótipos*. *Revista imes*, São Caetano do Sul, v. 5, n. 9, p. 68-76, 2004.
- CRUSOÉ, Nilma Margarida de Castro. *A teoria das representações sociais em Moscovici e sua importância para a pesquisa em educação*. *APRENDER Caderno de Filosofia e Psicologia da Educação*, Vitória da Conquista, Ano II, n. 2, p.105-114, 2004.
- CUSTÓDIO, Crislei de Oliveira. *É possível ensinar a pensar? Reflexões sobre as concepções do pensamento em Hanna Arendt*. *Cadernos de Educação*, São Paulo, v. 50, p. 01-10, 2015.
- ESTEREÓTIPO. *In: DICIO on line*. [s. l.: s. n.], 2023. Portal. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/estereotipo/>. Acesso em: 30 set 20023.
- JUNG, Carl Gustav. *Os arquétipos e o inconsciente coletivo*. Petrópolis: Vozes, v. 2, p. 13-54, 1976.
- MARK, Margaret; PEARSON, Carol S. *O herói e o fora da lei*. São Paulo: Cultrix, v. 11, p. 01-88, 2011.
- MELO, Alessandro de. *Em torno de Max Weber: subsídios para uma discussão sobre a neutralidade da atuação docente no ensino superior*. *Revista Inter-Ação*, Goiânia, v. 35, n. 1, p. 19-38, 2010.
- PEREIRA, Marcos Emanuel; MODESTO, João Gabriel; MATOS, Marta Dantas. *Em direção a uma nova definição de estereótipos: teste empírico do modelo em um primeiro cenário experimental*. *Revista Psicologia e Saber Social*, Salvador, v. 1, p. 201-220, 2012.
- PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO DE JANEIRO. *Estereótipos: as representações sociais na publicidade*. Rio de Janeiro, 2019. Disponível em: https://www.dbd.puc-rio.br/pergamum/tesesabertas/1513142_2019_cap_4.pdf. Acesso em: 30 set 20023.
- SANTOS, Maria de Fátima de Souza; ALMEIDA, Leda Maria de. *Diálogos com a teoria das representações sociais*. Recife: Editora Universitária UFPE, v. 1, p. 13-38, 2005.
- UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA. *Conselho Universitário. Resolução SEI nº 32/2017, do Conselho Universitário*. Uberlândia: UFU, 2017.